

EDUCAÇÃO

Humberto Rezende
Da equipe do **Correio**

Fotos: Jorge Cardoso

“Tira logo esse pé da carteira, menino!” A professora Celiz de Jesus Cardoso perdeu as contas de quantas vezes se segurou para não dizer essa frase a Wellington Ferreira, 15 anos, que já perdeu as contas de quantas vezes foi transferido de escola. Era provocação mesmo. Wellington desafiava todos os professores do Centro de Ensino 10 de Ceilândia. Conversava, respondia de forma mal educada e botava o pé na carteira, dele e dos colegas.

“Rapaz, você está espalhando esse chulé por toda a sala”, preferia dizer Celiz. Interrompia a aula de geografia em tom de brincadeira. E começou a ser uma professora diferente para Wellington. A única que não gritava com ele, que o procurava fora da sala de aula para falar sobre outros assuntos, aconselhá-lo. Nas conversas, Celiz descobriu um adolescente carente, de dinheiro e afeto, como a maioria daquela “turma-problema” de 5ª série.

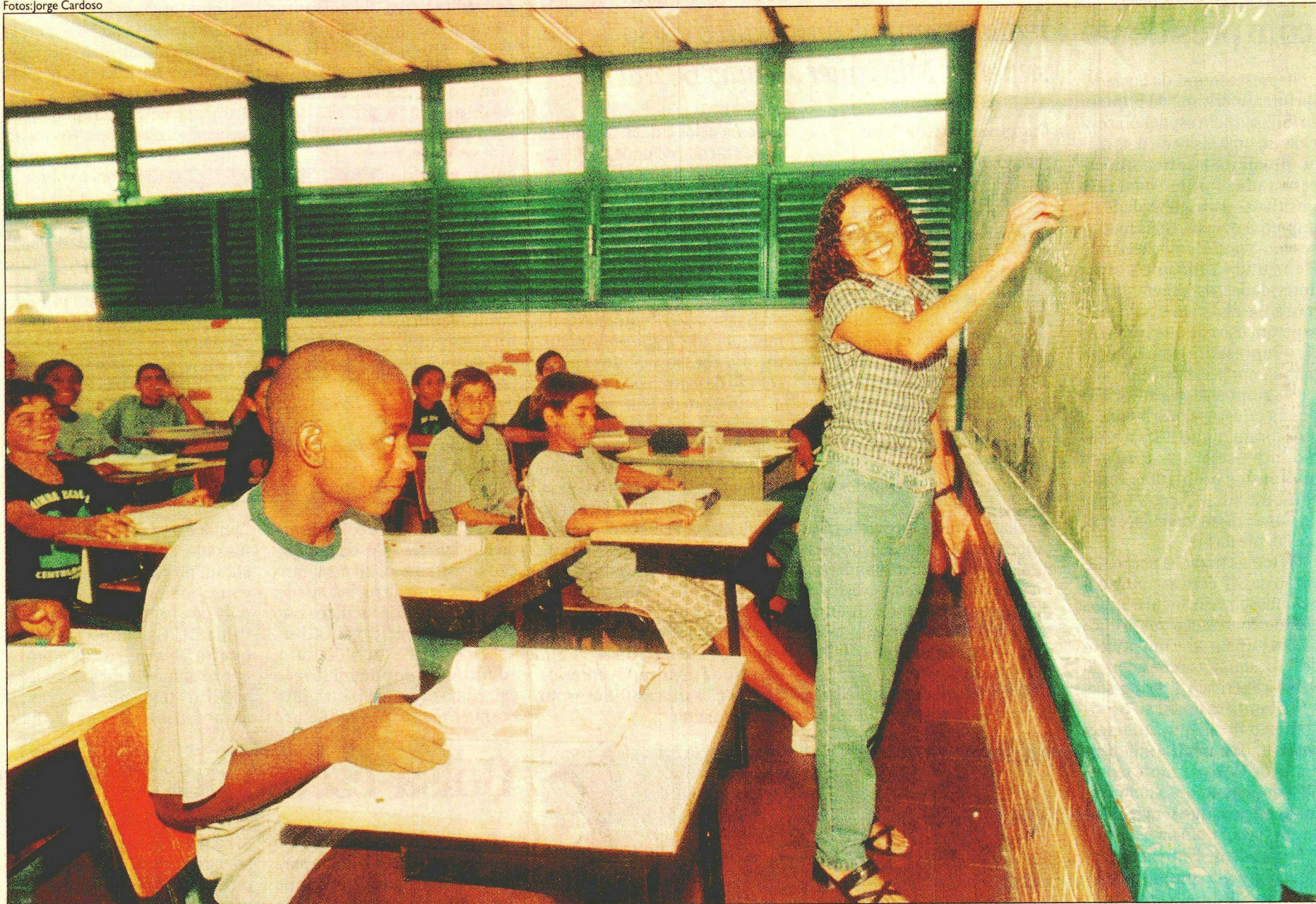
Alunos indisciplinados são o terror para os professores. Conseguem arruinar qualquer plano de aula, ser má influência para os colegas e comprometer o rendimento da turma inteira. Mas enfrentar os alunos com gritos ou ameaças raramente é a melhor saída. É como atacar o efeito de um problema, não a causa. “A indisciplina é geralmente o reflexo de algo maior”, diz a assistente pedagógica Gina Ponte.

VALORES SOCIAIS

No caso da turma de quinta série de Celiz, o algo maior era a baixa auto-estima. Moradores de uma das regiões mais violentas da Ceilândia e muitos com famílias desestruturadas, os alunos não viam motivos para se dedicar aos estudos. Celiz deixou então a geografia um pouco de lado e passou a trabalhar textos que discutiam o amor próprio e valores sociais. Lenta e gradualmente, passou a ser vista como uma amiga e procurada pelos alunos. Wellington era um deles.

“Ela é mais que professora. Me ajudou, me mostrou o melhor caminho”, diz o garoto que hoje está transformado. Sentase na primeira fila e foi eleito representante de turma. Suas funções? “Dar exemplo para os outros”, responde, com um sorriso envergonhado. Celiz está com o conteúdo da matéria atrasado, mas satisfeita. “É melhor do que fingir que estou ensinando e o aluno fingir que aprende.”

Flexibilidade. Às vezes, o que o professor planejou não funciona com uma turma. “Classes diferentes, pedem aulas diferentes”, aconselha Primo Pascoli, diretor do Rio Branco, um dos colégios particulares mais tradicionais de São Paulo. Muitas vezes, as aulas monótonas são as grandes responsáveis



Para corrigir o indisciplinado Wellington, a professora de geografia Celiz Cardoso preferiu trocar as broncas pelo bom humor e se aproximou do aluno fora da sala de aula

Bons maestros

Manter uma turma sob controle sem parecer um grande ditador não é fácil. Especialistas recomendam muita conversa e aulas que fujam da monotonia

pela bagunça em sala de aula. O aluno perde o interesse e começa a conversar.

Carteiras enfileiradas e crianças que não podem dar um pio. Esse modelo de aula está ameaçado de extinção. Ensinar por meio de broncas e ameaças não funciona mais. É uma fórmula para a indisciplina. As crianças de hoje questionam seus professores e não os temem mais tanto assim. A crise de autoridade dos professores é semelhante àquela pela qual passam os pais. Como impor limites, sem parecer repressor e antiquado?

“O professor tem receio de exercer sua autoridade em sala, com medo de se tornar autoritário”, diz o professor de ensino fundamental Nilton Ismael Rosa. Nilton é conhecido na Escola Classe da 204 norte por operar um pequeno milagre no ano passado, ao

CONTROLE SUA TURMA		
■ Informe-se sobre a vida dos alunos indisciplinados, busque a origem do mau comportamento ■ Converse com os pais ou responsáveis do estudante ■ Realize atividades que elevem a auto-estima da classe e os faça sentir capazes de aprender ■ Seja flexível quanto à sua metodologia. Turmas diferentes pedem aulas diferentes	■ Dê atividades que os alunos podem participar, como jogos ou trabalhos em grupo. Fuja do esquema professor fala, aluno ouve e copia ■ Trate o aluno sempre com respeito. Evite apelidos, piadas de mal gosto, palavrões em sala ■ Trabalhe em conjunto com o resto da escola. Professores com regras muito diferentes confundem os estudantes	■ Troque idéias com outros professores e busque literatura especializada ■ Mantenha-se atualizado sobre assuntos gerais e estude. Demonstrar insegurança em relação a uma pergunta tira a credibilidade do professor, principalmente para adolescentes ■ Seja amigo dos alunos, mas não se esqueça de que é uma autoridade em sala. Eles precisam de limites

assumir uma turma de 4ª série formada basicamente por alunos repetentes e com grande diferença de idade. Impondo limites e chamando atenção com rigor sempre que um aluno falhava, mas não deixando de elogiar nos acertos e se mos-

trando carinhoso sempre, Nilton conquistou a turma.

O repertório de atividades criativas também ajudou. As aulas do professor sempre envolvem trabalhos em grupo (que permitem que as crianças produzam, mas também intera-

jam com os colegas) e brincadeiras que fazem as crianças aprenderem de maneira leve. Um jogo de argolas, por exemplo, pode ser um bom exercício de formar palavras, com cada garrafa representando uma letra ou sílaba.

O Centro de Ensino 10 também está preocupado em promover novas atividades para os alunos. As coordenadoras Vilma Bento e Fernanda Araújo, aproveitaram um horário vago nas turmas de 5ª a 8ª para dar atividades diferentes para os alunos, que envolvem relaxamento e a possibilidade de os alunos se expressarem. Esperam servir de exemplo para outros professores. “Eu queria que as aulas fossem assim sempre, diferentes”, pede Eurismar Santos, 17 anos, aluno da 8ª série. Mas os resultados já surgem, como diz Tatiane Amaral, 15 anos: “A turma melhorou porque podemos nos conhecer e ficar mais unidos. Dá mais prazer vir para a escola”.

SERVIÇO

Centro de Ensino 10 — (61) 585-1611
Escola Classe 204 norte — (61) 223-4071
Colégio Rio Branco — (11) 3662-2900